

O Conceito Germânico de Aristocracia em *Beowulf*

Prof. Elton Oliveira Souza de Medeiros

Mestrando em Historia Social - USP
eosmedeiros@hotmail.com

Resumo

Através desse artigo, visamos estudar e compreender de forma mais adequada como se dá a construção de um ideal aristocrático na Inglaterra anglo-saxônica e a importância e as características de uma das principais figuras do período: o rei. Para essa tarefa, utilizaremos o conjunto poético do período, e em especial o poema *Beowulf*.

Palavras Chaves: Beowulf, Aristocracia, Inglaterra Anglo-Saxônica.

Abstract

With this paper, we intend to analyze the construction of an aristocratic ideal in Anglo-Saxon England, as well as the importance and characteristics of one of the most important figures of the period: the king. For this task, we use the poems of the period, mainly the *Beowulf*.

Keywords: Beowulf, aristocracy, Anglo-Saxon England

Há muito tempo, especialistas fazem conjecturas a respeito do poema *Beowulf*. Ele já foi analisado das mais diversas maneiras e áreas (literatos, folcloristas e etc). Entretanto, no campo do conhecimento histórico, podemos utilizar as palavras de J. R. R. Tolkien: “Assim a seu respeito *Beowulf* é, claramente, um documento histórico de primeira importância para o estudo do espírito e pensamento do período e talvez um dos muito pouco utilizados para esse propósito por ditos historiadores” (Tolkien, 1997: 20).

Levando em consideração as palavras de Tolkien, vamos analisar uma imagem importante e, por que não dizer, um dos elementos principais do poema que é a figura da aristocracia germânica e, diretamente ligado a ela, do rei. Em outras palavras, de que forma a imagem da realeza e dessa aristocracia se apresenta dentro do contexto germânico apresentado através do poema.

1. DAS QUALIDADES ARISTOCRÁTICAS

Primeiramente, devemos nos perguntar, dentro deste cenário que o poema nos apresenta, o que caracterizaria a figura real e aristocrática. Para tal questionamento, podemos nos ater inicialmente aos primeiros versos do poema:

Hwæt! We Gar-Dena in gear-dagum
þeod-cyninga, þrym gefrunon,
hu ða æþelingas ellen fremedon!
Oft Scyld Scefing sceapena þreatum
monegum mægþum meodo-setla ofteah;
egsode eorl[as] syððan ærest wearð
feasceaft funden; he þæs frofe gebad,
weox under wolcnum, weorð-myndum þah,
oðþæt him æghwylc þara ymb-sittendra
ofer hron-rade hyran scolde,
gomban gylðan. Þæt wæs god cyning!

[Ouçam! Nós dos guerreiros dinamarqueses dos dias de outrora,/ dos reis de sua tribo, ouvimos falar de sua glória;/de como esses príncipes realizaram feitos valorosos!/ Por vezes Scyld Scefing de tropas inimigas,/de muitas tribos, tomou os salões;/ele aterrorizou guerreiros, mesmo que a principio fosse/ encontrado sozinho. Mas para isto veio uma solução,/ele prosperou sob os céus, obteve grande honra/ até que cada uma das nações ao longo da costa,/ além do caminho-da-baleia, se submetessem/ e lhe pagassem tributo. Ele foi um bom rei!] (vv. 01-11)¹

Temos aqui um primeiro contato com a imagem do rei (anglo-saxão ou germânico) apresentado já como um rei aguerrido, um líder militar. Alguém que por seus méritos alcançou seu objetivo, um guerreiro que tomou a liderança de seu povo. Justamente este aspecto mais guerreiro é que estará presente no poema. Mas não pensemos que a caracterização de uma aristocracia se baseie exclusivamente em uma postura de combates. Ao lermos o poema, encontramos diversas passagens de aspecto moralizante, de qualidades idealizadas que contribuem para a construção da imagem aristocrática.

Para melhor visualizarmos este universo que *Beowulf* nos trás, devemos ter em mente, também, outras fontes que se assemelham a ele no que diz respeito justamente à questão da construção da imagem nobre dentro desse contexto norte-europeu. Antes de qualquer coisa, vamos nos ater ao conceito encontrado em *Mircea Eliade* a respeito das sagas. Segundo esse conceito, a saga (uma narrativa de cunho heróico e, em sua maior parte, de final trágico com a morte do herói) não faria parte de uma tradição puramente

popular, mas sim criada e cultivada dentro dos meios aristocráticos com o objetivo de um modelo a ser seguido, um mundo ideal (Eliade, 2002: 171). Este tipo de argumentação pode ser observado durante a ocasião de um fórum a respeito das escavações do sítio arqueológico de Sutton Hoo; durante o fórum, foi levantada a pergunta se “Sutton Hoo seria a realidade por trás do mundo de *Beowulf*?” e cuja resposta não poderia ser melhor: “Nem Sutton Hoo nem *Beowulf* representam uma avaliação precisa da realidade. Ambos contêm alusões ao mundo real, mas nós não temos certeza quais elas seriam. A partir do estudo dos sepultamentos nos arriscamos a conhecer muito mais sobre como os anglo-saxões pensavam do que como eles viviam.” (Carver, 1998: 173-174). Devemos atentar que utilizamos aqui o termo saga como forma de narrativa heróica, como se manifesta no contexto anglo-saxão. Ou seja, uma saga de estilo aristocrático e régio (Buhl, 2004: 6-9). Outra definição para tais narrativas (já nos aproximando muito mais de seu aspecto literário) seria de que as sagas também poderiam ser definidas como um tipo biográfico de narrativa, com um estilo breve, simples, permeado por versos aliterativos e inicialmente pertencente a uma cultura oral (até que finalmente fossem registradas de forma escrita a partir do século XI e XII); nela abundam genealogias, atritos e combates. Seguindo certa ordem cronológica (ainda que imprecisa e/ou ficcional), não há um aprofundamento das personagens ao decorrer da narrativa, e estes são representados por meio de suas falas e atos; constituindo assim seu caráter dramático que envolve as personagens (Borges, 2005: 117-8). No caso específico do desenvolvimento desta tradição dentro da Inglaterra anglo-saxônica, de forma geral, vemos que conforme tais narrativas se desenvolvem, as circunstâncias e elementos que lhes deram origem são simplificados, distorcidos ou exagerados. Tribos menores e personagens de pouca expressão são suprimidas em favor de elementos mais significativos; a cronologia é reorganizada de forma que personagens e tribos de locais e épocas diferentes passem a coexistir num mesmo momento de um passado mítico, indefinido, no qual o ponto central passa a ser a figura individual do herói biografado e do grupo em que vive. Assim, as narrativas acabam por se desenvolver através das ações destes personagens às necessidades do momento frente ao seu código heróico moral de conduta.

Uma das formas nas quais encontramos essa idealização seria através da construção de uma aristocracia por meio (como já dissemos) de elementos moralizantes; dentre eles estariam as habilidades e qualidades atribuídas a suas personagens. Este aspecto da importância de tais qualidades é um elemento de grande valor a se levar em consideração. Dentro dessa tradição, existem dois documentos em especial que devem ser citados por sua importância e proximidade com *Beowulf*. O primeiro documento é *Os Dons dos Homens*, poema em inglês antigo que narra como Deus distribui as habilidades entre os homens. As habilidades ou qualidades apresentadas nos *Dons* podem ser encontradas também em outras fontes e sempre se referem a elementos idealizados por uma aristocracia e presentes nas sagas, onde os personagens em sua maior parte são membros desse mesmo grupo social. Dentre essas habilidades e qualidades podemos ressaltar riquezas, posses (*Dons dos Homens*, vv. 30-31), sabedoria (vv. 32-33), eloquência (vv. 35-36), coragem (vv. 39-40), habilidade política (vv. 41-43), ser pio e caridoso (vv. 45-46).

As características apresentadas nos *Dons dos Homens*, também podem ser encontradas de forma semelhante em outro poema anglo-saxão chamado *As Fortunas dos Homens*, que segue a mesma linha de raciocínio a respeito da sina de cada ser. O segundo documento seria *A Batalha de Maldon*². Em *Maldon*, há uma passagem que demonstra bem o comportamento aristocrático idealizado, quando Byrhtwald diz:

Hyge sceal þy heardra, heorte þy cenre,
mod sceal þy mare þy ure mægen lytlaþ.

[A mente deve ser mais forte, o coração mais valente,/e a coragem grandiosa quando nossas forças se esvaem.] (*A Batalha de Maldon*, vv. 312-314)

Em *Beowulf*, o herói, que também é um guerreiro e acaba por se tornar rei, também demonstra as qualidades que deveriam ser admiradas (segundo o conceito das virtudes cardeais): prudência (*prudentia*), justiça (*justitia*), coragem (*fortitudo*), e temperança (*temperantia*).

Ao analisarmos *Beowulf*, podemos perceber que outras muitas dessas qualidades estão presentes. Qualidades como reconhecimento em liderança (*Beowulf* vv. 20-25), habilidades em combate (vv. 287-289 e 1246-1250), coragem (vv. 572-573), honra e glória (vv. 1384-1389, 1534-1536 e 2890-2891), lealdade (vv.2166-2169). Podemos ver essas passagens justamente como aspectos moralizantes, que podem ser encontrados em outras fontes como as Eddas e sagas escandinavas (*Saga dos Volsungs*, *Saga do rei Hrólfr Kraki*, *Saga dos Jomsvikings*) e demais poemas anglo-saxões como *Wanderer*, *Deor* e *Widsith*. Em todos eles encontraremos similaridades no que diz respeito às qualidades e atitudes modelares de seus personagens.

Tolkien disse certa vez que *Beowulf* não poderia ser classificado como um épico heróico como a Eneida ou Odisséia, entretanto uma característica semelhante aos textos clássicos ele possuiria: as máximas. As máximas dentro de tais obras possuem justamente a função moralizante ou reflexões a respeito do mundo. Num simples levantamento superficial entre os seus 3182 versos, é possível encontrar em torno de 23 passagens que podem ser classificadas como máximas³. Com isso, fica cada vez mais clara a função de uma obra como *Beowulf* dentro de um cenário como o mundo germânico medieval, ou seja, de função modelar.

Levando em consideração *Beowulf* e os demais documentos referentes a esse meio aristocrático, pode-se dizer que estaríamos frente a histórias com personagens aristocráticos, direcionadas a um público aristocrático e com elementos aristocráticos (feitos sobre-humanos de heroísmo, reis, guerreiros, salões, antigas linhagens); logo, nada mais natural que possuíssem valores e idealizações desse grupo. Podemos dizer que além de entreter, o poeta também estaria instruindo sua platéia.

É claro que estes modelos exaltam qualidades dignas de uma aristocracia idealizada, assim como teremos no século XII um fenômeno semelhante com as gestas de cavalaria e as histórias do ciclo arturiano. Além disso, a identificação deste ideal com um ambiente ou com figuras históricas ou pseudo-históricas reforça ainda mais este aspecto moralizante do poema, o que o diferencia de simples contos populares, inserindo seus ouvintes dentro de um universo mítico familiar (Jones, 1972: 38-41). Portanto, passando por Hildebrando e a batalha contra os godos e hunos, os feitos de Sigurd/Siegfried, Valtário, Byrhtnoth e a *Batalha de Maldon* e *Beowulf*, todos trazem a imagem idealizada, modelar de um mundo aristocrático para seu público, principalmente na forma de narrativas e poemas heróicos.

As origens de tais obras sempre giraram em torno de incertezas e imprecisões de um passado mito-histórico. Conforme as lendas se desenvolvem, as circunstâncias e elementos que lhes deram origem são simplificados, distorcidos ou exagerados. Tribos menores e personagens de pouca expressão são suprimidas em favor de elementos mais significativos, a cronologia é reorganizada de forma que personagens e tribos de locais e épocas diferentes passem a coexistir num mesmo momento de um passado mítico, indefinido, no qual o ponto central passa a ser a figura individual do herói e do grupo

em que vive. Desta forma, as narrativas acabam por se desenvolver através das ações destes personagens às necessidades do momento frente ao seu código heróico moral de conduta.

O que podemos ver é que as narrativas heróicas são algo de extrema importância para essas sociedades, pois através delas é possível uma identificação de todo o grupo social, justamente por seu aspecto fabuloso, mítico e ao mesmo tempo histórico. Até o século XIX, o termo “mito” designava especificamente tudo aquilo que seria avesso à história: o fabuloso, fantástico, utópico. Mas desde então, essa imagem se transformou, e assim:

“Ao invés de tratar, como seus predecessores, o mito na acepção usual do termo, i.e., como “fábula”, “invenção”, “ficção”, eles o aceitaram tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, onde o mito designa, ao contrário, uma “historia verdadeira” e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo.” (Eliade, 2002: 7-8).

Podemos observar que este tipo de construção, através de uma narrativa heróica, possui grande influência em momentos históricos muito além do período medieval. Ou seja, a preocupação, ou a necessidade, pela construção de uma história (propriamente dita) oficial, que mostre as origens e realce os valores e virtudes de uma ou outra sociedade. *“Um povo sem história (...) é como se não existisse!”* (Eliade, 2002: 156). Um bom exemplo disso pode ser encontrado, também, na Europa do século XIX, quando passa a haver uma nova valorização das tradições históricas de cada país. Temos na Alemanha o resgate de seu passado germânico, que mais tarde resultaria na idéia do “mito ariano”, ou seja, de uma origem “nobre”, “heróica”, “primordial”.

“Esse prestígio da “origem” sobreviveu nas sociedades européias. Quando se empreendia uma inovação, esta era concebida, ou apresentada, como um retorno à origem. A Reforma inaugurou o retorno à Bíblia e ambicionava reviver a experiência da Igreja primitiva, ou mesmo das primeiras comunidades cristãs. A Revolução Francesa tomou como paradigmas os romanos e os espartanos. (...) “Temos nossa origem em Roma!”, repetiam com orgulho os intelectuais romenos dos séculos XVIII e XIX. (...) A intelligentsia húngara encontrava uma justificação para a antiguidade, a nobreza e a missão histórica dos Magiares e na saga heróica de Arpad.” (Eliade, 2002: 157).

2. DA IMAGEM DO REI

Como vimos, a figura aristocrática germânica presente em *Beowulf* e demais documentos do período estaria baseada em todo um conjunto de qualidades e habilidades idealizadas e valorizadas por seus ouvintes. Mas, uma vez que temos uma idéia do mundo aristocrático no qual esses povos germânicos viviam, podemos avançar para um elemento de destaque dessa aristocracia: o rei.

A realeza germânica, em especial a anglo-saxã, surgiu num grande amálgama de elementos cristãos e pagãos. O rei, desde suas origens pré-cristãs, é o mediador entre os poderes divinos e seu povo (*folc*), e sua imagem está intrinsecamente ligada ao âmbito político e religioso. Ele é a personificação da “sorte” (encontrada ao longo de *Beowulf* através dos termos *eadig* e *saelig*), do destino de seu povo. Uma de suas principais funções relacionadas ao divino é assegurar os favores e bênçãos dos deuses sobre sua tribo servindo justamente como mediador, realizando sacrifícios pela vitória, por boas

colheitas e pela paz. O rei não é um sacerdote, mas o líder de seu povo e o guardião de seu bem-estar agindo de forma a receber as graças divinas. As atitudes do mundo político refletem o religioso e vice-versa. De forma clara, podemos ver identificar a divindade sendo primeiramente a divindade do rei, que tem a função de administrar sua responsabilidade com o mesmo, e de forma secundária como a divindade da tribo. (Chaney, 1999: 11-12). Através disso, podemos entender certos termos aplicados a imagem régia como o “escudo-do-povo”, o “elmo-do-povo”, ou seja, como o guardião e protetor.

Um dos principais elementos de sustentação do poder real é referente a sua linhagem, ou melhor dizendo, a sacralidade da linhagem real. Alcuíno de York, em carta aos nobres do reino de Kent diz: “*ex antiqua regum prosapia invenitur, et tanto incertioris sunt originis, quanto minoris sunt fortitudinis*” [das antigas linhagens reais existentes, quanto mais incertas suas origens, quão menor será sua força] (Chaney, 1999: 17). As referências a respeito das linhagens reais anglo-saxãs inicialmente retornariam até antigas divindades germânicas; com o passar do tempo, elementos cristãos foram assimilados e as genealogias passaram a terem ancestralidades cristãs, indo além das referências pagãs⁴. Entretanto, a própria figura de Cristo passou também por uma transformação; poderíamos dizer que ocorre uma “germanização do cristianismo”, onde temos uma imagem mais heróica ao estilo germânico onde Cristo e seus apóstolos acabam por se assemelhar a um lorde e seus *thegns*, ao estilo do *comitatus* (imagem que pode ser encontrado também no documento *Heliand*, uma versão dos evangelhos em alto alemão antigo⁵; onde Cristo é retratado justamente dessa forma mais “germanizada”). A imagem de Deus também é uma imagem interessante. Durante o poema, o termo mais comum empregado a Deus é a palavra anglo-saxã *God* (Deus cristão); mas além dessa denominação, existem outras referências a Ele como: lorde (*frea, dryhten*), governante ou líder (*waldend*), líder dos homens (*fira waldend*), senhor da glória (*wuldres waldend*), rei da glória (*wuldur cyning*), líder das vitórias (*sigora waldend*), rei das vitórias (*sigora soðcyning*), entre outros. Podemos observar essa imagem germanizada de Deus em dois exemplos da poesia anglo-saxônica (entre outros), nos versos de abertura do *Gênesis* (onde encontramos uma importante imagem de Deus, sendo citado como “Senhor dos Exércitos”)⁶ e no *O Hino de Cædmon* e:

Nu we sculon herian heofonrices Weard,
Meotodes meahte and his modgeþanc,
weorc Wuldor-Fæder, swa he wundra gehwæs,
ece Dryhten, or onstealde.
He ærest scop ielda bearnum
heofon to hrofe, halig Scieppend;
þa middan-geard manncynnes Weard,
ece Dryhten, æfter teode,
firum foldan, Frea eallmihtig.

[Agora nós devemos reverenciar o Guardião do reino dos céus, o poder do Criador e a vontade de seus pensamentos, o trabalho do Pai da glória, como Ele, o Senhor eterno, estabeleceu o início de toda maravilha. Ele, o Criador sagrado, primeiro criou o céu como um telhado para os filhos dos homens; então o Guardião da humanidade, o Senhor eterno, o Senhor todo-poderoso, mais tarde preparou o mundo, a terra-média] (*O Hino de Cædmon*)

O que vemos aqui são referências atribuídas a um âmbito político e guerreiro da sociedade, atribuídos à figura divina. O que temos então é a mesma relação atribuída aos guerreiros e lordes para com seu líder e rei, transportadas para um quadro religioso,

onde os reis (e seus súditos) é que seriam os *thegns* de Cristo e de Deus. A partir disso podemos até mesmo estabelecer uma relação que faria sentido dentro desse quadro de conversão do período, onde Cristo teria atuado sob as bênçãos de Deus, sendo assim um mediador entre Ele e os homens; responsável pelo bem de seu povo e para isso se sacrificou e foi levado à cruz. Temos aqui um quadro mítico muito semelhante e com funções iguais aos reis germânicos dentro de sua sociedade. Ou seja, através dessa construção Cristo é rei, membro de uma linhagem sagrada e filho de Deus, o “monarca celeste”⁷. Desta forma, a imagem de Cristo em relação a Deus, cercado por seus apóstolos é identificada com a do rei germânico:

“Os reis eram acima de tudo gerais e às linhagens reais atribuíam-se poderes mágicos e sobrenaturais consideráveis; cercavam-nos “seus” homens em armas (que formavam ao mesmo tempo a elite social em cada reino) (...) Os valores aristocráticos – que iriam sobreviver à cristianização – estavam no centro do ideário anglo-saxônico” (Cardoso, 2004: 26).

Em *Beowulf* as três principais figuras reais são respectivamente: Hrothgar, Hygelac e o próprio Beowulf. Vimos anteriormente as qualidades que constituiriam o ideal aristocrático. O ideal da realeza englobaria os mesmos ideais, e iria além; o ideal de realeza atingiria também o conceito de *sapientia et fortitudo*.

A relação de *sapientia et fortitudo* pode ser encontrada nas Eddas, em especial no poema *Hávamál* (parágrafo 15), onde diz que: “O filho de um rei deve ser silencioso e pensativo, e ameaçador em batalha (...)” (Hollander, 2000: 17). Já Isidoro de Sevilha, a respeito do heroísmo nos diz: “*Heroicum enim carmen dictum, quod eo virorum fortium res et facta narrantur. Nam heroes appellantur viri quase aerii et caelo digni propter sapientia et fortitudinem.*” [Chama-se canto heróico porque relata feitos de homens valorosos. Denomina-se, sobretudo heróis os homens dignos do céu por sua sabedoria e valor] (Curtius, 1996: 232-233). Este mesmo conceito pode ser encontrado na poesia anglo-saxã como nos *Dons dos Homens* (vv. 39-43, 76-77) e no final de *Widsith*:

simle suð oppþe norð summe gemetað
gydda gleawne geofum unhneawne
se þe fore duguþe wile dom aræran,
eorlciþe æfnan oppþæt eal scæceð
leoht ond lif somod; lof se gewyrceð,
hafað under heofonum heahfæstne dom.

[sul ou norte, eles sempre encontram alguém de sábias maneiras, benevolente em presentes, que deseja exaltar sua glória perante os guerreiros, a realizar feitos de valor, até que tudo se acabe, a luz e a vida juntas; aquele que faz o que é digno de honra tem a glória eterna sob os céus.] (*Widsith*, vv. 138-143)

Além desses dois poemas, como forma de descrição heróica, o mesmo conceito aparece também em diversos outros poemas anglo-saxões como forma de caracterização da figura heróica⁸; e, além disso, na própria Bíblia⁹.

Retornando a imagem dos três reis, podemos caracterizá-los dentro desse contexto de *sapientia et fortitudo*. O poema *Beowulf* pode ser dividido em duas partes respectivamente, sendo a Parte I marcada pela viagem de Beowulf a corte do rei Hrothgar da Dinamarca e, posteriormente, seu confronto contra Grendel; já a Parte II seria caracterizada pelo governo de paz do rei Beowulf e seu confronto fatal contra o dragão que devasta seu reino. Vamos nos ater a Parte I do poema, onde podemos identificar as imagens de *sapientia et fortitudo*.

Quando da cristianização dos anglo-saxões, podemos perceber uma clara identificação, ou “predileção”, do período para com o Velho Testamento, em especial com os seus reis, lutando contra os inimigos de Deus; o que de certa forma se encaixava bem com a imagem germânica do confronto dos homens e dos deuses contra os malignos gigantes (Mayr-Harting, 1994: 220) e uma possível identificação com as tribos de Israel e com sua sociedade, muito mais do que com a sociedade de Roma (Chaney, 1999: 174). Pois bem, na primeira parte do poema, temos uma figura que se encaixa na imagem dos antigos reis e patriarcas bíblicos: Hrothgar. O rei dos dinamarqueses, Hrothgar, é um homem de certa idade quando Beowulf chega a sua corte para ajudá-lo a se livrar do grande mal que o assombra. Após a vitória de Beowulf sobre Grendel e sua mãe, Hrothgar faz grandes homenagens ao jovem herói e é nesse momento que desempenha seu papel mais importante, ao realizar seu sermão a Beowulf. A imagem de Hrothgar é justamente a do velho rei, que já não tem a mesma força como no passado, mas é possuidor de grande sabedoria; e é através de seu sermão que podemos vê-lo como o “rei sábio”. É interessante notar o modo como Hrothgar é tratado. Temos por exemplo os termos *gamelum rince* e *harum hild-fruman*. O primeiro termo significaria “homem (guerreiro) de idade (velho)”, enquanto o segundo termo seria “grisalho líder-de-guerra”; ambos nos passam a idéia de um guerreiro idoso que (dentro do contexto do poema) envelheceu, e a palavra grisalho trás uma idéia de maturidade; ou seja um homem que já teve seus dias de *fortitudo* e que vive seus últimos dias com a *sapientia*.

Fazendo uma comparação, podemos dizer que nessa parte do poema, Hrothgar simbolizaria a plenitude da *sapientia* e o declínio de sua *fortitudo*, frente a um jovem Beowulf na plenitude de sua *fortitudo*. Aliás, devemos ressaltar que o único personagem dentro do poema que é citado tanto por sua *sapientia* quanto *fortitudo* é o próprio Beowulf. O sermão de Hrothgar é um grande exemplo do ideal aristocrático e, principalmente, de realeza; por todo ele é possível visualizar um forte modelo moralizante, em especial ao comparar Beowulf a figura do rei Heremod:

“Þæt la mæg secgan, fremeð on folce, eald eðel-weard, geboren betera! geond wid-wegas, ðin ofer þeoda gehwylce.	se þe soð ond riht feor eal gemon, þæt ðes eorl wære Blæd is aræred wine min Beowulf, Eal þu hit geþyldum healdest,
mægen mid modes snyttrum. freode, swa wit furðum spræcon. eal lang-twidig hæleðum to helpe. eaforum Ecgwelan, ne geweox he him to willan, ond to deað-cwalum Breat bolgen-mod Eaxl-gesteallan, mære þeoden, ðeah þe hine mihtig God eafeþum stepte, forð gefremede.	Ic þe sceal mine gelæstan Ðu scealt to frofre weorþan leodum þinum Ne wearð Heremod swa Ar-Scyldingum; ac to wæl-fealle Deniga leodum. beod-geneatas, oþþæt he ana hwearf, mon-dreamum from, mægenes wynnum, ofer ealle men Hwæþere him on ferhþe geaf Denum æfter dome; dream-leas gebad, þæt he þæs gewinnes weorc þrowade, leod-bealo longsum.”

[Agora ele pode dizer, aquele que age de forma verdadeira / e correta para com seu povo, lembrando de nosso passado, / velho guardião de nossas terras: este príncipe nasceu / para ser grande! Seu glorioso nome

/ se ergue até as alturas sobre as nações, / Beowulf meu amigo, sua fama vai longe. / De forma adequada você controla sua força com sabedoria. / Lhe mantenho um voto como amigo, como disse anteriormente. / Serás de grande ajuda para teu povo, / um grandioso herói. Diferente de Heremod / com os filhos de Ecgwela, os honoráveis Scyldings; ao crescer não lhes trouxe alegrias, mas matou dinamarqueses / em seu próprio salão, de forma sangrenta. Tomado de fúria ele abateu seus companheiros, / até que exilado, sozinho, o famoso príncipe, / foi para longe da alegria de outros homens, com má reputação, / apesar de Deus ter-lhe conferido os méritos de uma grande força, / poderoso, sobre todos os homens. / Apesar de sua boa fortuna seus pensamentos tornaram-se vis, / seu coração sedento por sangue; nunca presenteou anéis, por honra, aos dinamarqueses. / Sem alegrias ele viveu e infeliz ele morreu, / sofrendo amargamente pelo mal que causou ao seu povo.] (vv. 1700 – 1722).

Através deste trecho do poema, podemos observar a importância de Hrothgar como um rei sábio, mas também a presença da *sapientia* e *fortitudo* dentro de um modelo de realeza. O que o sermão nos mostra é um exemplo de um rei (Heremod) que padeceu pela falta de *sapientia* e acabou pagando amargamente por isso; enquanto Beowulf é tratado como um herói para seu povo, visto que no momento ele é possuidor de *fortitudo* a qual administra com *sapientia*. Entretanto, Hrothgar, como foi dito antes, sofre pelo declínio de sua *fortitudo*, o que poderia ser refletido na ameaça de Grendel que por onze anos aterrorizou seu reino, até que Beowulf viesse ajudá-lo. Oposto a imagem do rei sábio, Hrothgar, teríamos a figura do rei vigoroso, forte. Essa figura de poder e força pode ser identificada em Hygelac, rei dos geats.

Hygelac, rei da tribo dos geats, dentro do modelo *sapientia et fortitudo* seria representante do último. Enquanto Hrothgar é o rei sábio, Hygelac é o rei forte. De certa forma poderíamos até mesmo ampliar essas definições para a população (lembrando do que dissemos anteriormente sobre o papel régio como mediador com o divino e responsável pelo bem estar d seu povo). Desta forma, dentro do poema, os dinamarqueses como um todo simbolizariam a *sapientia*, enquanto os geats teriam *fortitudo*. Entretanto, enquanto Hrothgar (e os dinamarqueses) sofrem com os ataques de Grendel e sua incapacidade de enfrentar a criatura; Hygelac (e os geats) sofrem com as medidas tomadas em confronto contra os francos, o que leva a morte do rei dos geats. Ou seja, o que temos é a falta de *sapientia*:

Hyne wyrd fornam,
syþðan he for wlenco wean ahsode,
fæhðe to Frysum.

[O Destino o levou / quando ele por orgulho buscou por problemas,
guerra / contra os frísios]
(vv. 1205-1207)

Hygelac mais tarde realmente acaba morrendo em batalha no continente, e um dos únicos sobreviventes é justamente Beowulf. Mas a idéia é a de que Hygelac morre não devido a possíveis falhas ao combater, pelo contrario, ele é o exemplo do rei forte, vigoroso; sua morte, como mostra o trecho acima, é devido a seu orgulho, ou seja, a ausência de *sapientia*. O que podemos notar é um contraste que permeia o poema. Este contraste então ocorrerá não apenas num âmbito de *sapientia* e *fortitudo*, mas também de velhice e juventude, Hrothgar e Hygelac; contrastes que acabam por se unir numa única figura: Beowulf. Ele é a figura que inicia o poema jovem e detentor de grande

fortitudo, e mais tarde demonstra *sapientia* como rei por governar de forma pacífica e prospera. Ou seja, o ideal de realeza é aquele que consegue combinar, ao mesmo tempo, *sapientia* e *fortitudo*. Este sim seria o ideal a ser alcançado de um governante bem sucedido; e como modelo dessa união bem sucedida temos a figura de Beowulf. A forma como isso é representado no poema é através do duelo de Beowulf contra o dragão que ataca seu reino. Segundo a história, os geats viveram por mais de cinquenta anos em paz devido ao governo de Beowulf, até que um dragão passa a devastar o reino. Ele então se prepara para enfrentar a criatura e parte para o covil do monstro. Neste momento, a imagem que temos é de um rei já envelhecido, porém vigoroso (pelo fato de estar indo defender seu povo e enfrentar o dragão) e sábio (ao relatar os acontecimentos passados, como o lamento do rei Hrethel; vv. 2425-2471). Nesse momento podemos ver claramente a união dos elementos *sapientia* e *fortitudo* na figura única de Beowulf.

3. DO MODELO ARISTOCRÁTICO: BEOWULF

O ideal heróico de *Beowulf*, como vimos, não se restringiria puramente como forma de entretenimento para os salões dos reis saxões. Além disso, sua função também seria moralizante no sentido de se tornar um ideal de aristocracia e de realeza. Através do sermão de Hrothgar temos a imagem do bom rei e do mau rei, e o mesmo se repete mais tarde com a história das rainhas Hygd, a boa rainha, e Modthrytho, a rainha má (*Beowulf*, vv. 1925-1962), onde a primeira é o exemplo de cortesia, sabedoria e honradez; enquanto a última representaria a vilania, malícia. Vemos então que o poema se desenrola de maneira a sempre mostrar estes contra-pontos, e sempre o herói Beowulf está posicionado como o melhor expoente dentre eles.

Este modelo aristocrático esta presente em toda a cultura germânica do período. Vimos que podemos encontrá-la em diversas outras fontes do mesmo âmbito; e se formos mais além, podemos encontrar similares em outras personagens de outras fontes e em outros períodos; desde as narrativas do ciclo arturiano, à Canção de Rolando, El Cid, até a narrativa de Heródoto sobre os 300 de Esparta e a batalha das Termópilas¹⁰. Entretanto, referente ao período ao qual estamos tratando, *Beowulf* se diferencia das demais narrativa germânicas no sentido de que *Beowulf* pode ser caracterizado como a imagem ideal por excelência de uma sociedade aristocrática.

Através do próprio poema podemos perceber que os demais personagens são possuidores de certas qualidades, mas que é apenas Beowulf que consegue engloba-las todas numa única figura. Ele passa por todas as imagens de importância durante o decorrer da história: inicialmente ele é um *thane* leal a seu senhor, mas ao mesmo tempo ele também é um nobre, um príncipe (*atheling*), e mais tarde se torna rei (um rei que governa por mais de cinquenta anos em paz e sem ataques externos, pois seus inimigos o temem). Ele possui todas as qualidades aristocráticas ideais encontradas em os *Dons dos Homens* e demais poemas, assim como os atributos pertencentes da realeza (*sapientia et fortitudo*).

Através desta análise de *Beowulf*, podemos ter uma idéia da figura não do herói e nem talvez do rei, mas muito mais de uma sociedade aristocrática de cujo meio são criadas essas imagens. Imagens que permanecem mesmo dentro do seio da Igreja, pois existe uma documentação que comprova o gosto dos clérigos saxões pelas narrativas e poemas; o que não é de todo estranho de pensar, visto que a Igreja inglesa (anglo-saxã) seria uma *Adelskirche*, “igreja da nobreza”, de caráter claramente aristocrático¹¹.

Assim, o que podemos concluir seria de que o ponto chave do poema não seria essencialmente a figura do herói, nem da realeza, mas sim do mundo aristocrático no

qual ele surgiu e de onde as figuras reais e heróicas tomaram forma, e a maneira como elas se relacionam. Seus valores e símbolos atuam como uma forma de incorporar o passado e o presente através de um comportamento e valores nobres, projetados em seus extremos de manifestações benignas e malignas, como num jogo de luz e sombra. O que temos em *Beowulf* é a construção de um mito social da cultura anglo-saxônica (Bjork & Niles, 1998: 268), a construção de um passado mito-histórico que legitime o presente. Desta forma, ao analisarmos a sociedade anglo-saxônica através do poema, temos então a imagem de Beowulf como o ideal deste mundo aristocrático que pode ser representado pelos últimos versos do poema, onde podemos ver a presença dos três elementos que compõe este universo germânico idealizado num único personagem, nas figuras do rei, do guerreiro e do herói e das qualidades que lhe são naturais:

cwædon þæt he wære wyruld-cyning[a],
mannum mildust ond mon-ðwærust,
leodum liðost ond lof-geornost.

[Eles disseram que ele foi, dos reis deste mundo, / o mais justo para os seus homens, o mais cortes dos homens, / o melhor para seu povo, e o que mais buscou a glória] (vv. 3180-3182).

FONTES PRIMÁRIAS

- BRADLEY, S.A.J. (trad. e org.) *Anglo-Saxon Poetry*, Londres: Everyman, 2003.
BYOCK, Jesse L. (trad. e ed.) *The saga of king Hrolf Kraki*, Londres: Penguin, 1998.
_____ (trad. e ed.) *The saga of the Volsungs*, Londres: Penguin, 1999.
CATHEY, James E. (ed.) *Héliand*, Morgantown: West Virginia University Press, 2002.
CHICKERING Jr., Howell D. (trad. e ed.) *Beowulf*, Nova York: Anchor Books, 1989.
DIAMOND, Robert E. *Old English: Grammar and Reader*, Detroit: Wayne State University Press, 1999.
GALVÃO, Ary Gonzalez. (trad.) *Beowulf*, São Paulo: Hucitec, 1992.
HEANEY, Seamus. (trad.) *Beowulf*, Nova York: W.W. Norton, 2000.
HERODOTO, *História*, Brasília: Ed. UNB, 1988.
HOLLANDER, Lee M. (trad. e org) *The Poetic Edda*, Austin: University of Texas Press, 2000.
MITCHELL, Bruce & ROBINSON, Fred C. (org. e ed.) *Beowulf*, Oxford: Blackwell, 1998.
MURPHY, G. Ronald (trad.). *The Heliand*, Oxford: Oxford University Press, 1992.
STURLUSON, Snorri & FAULKES, Anthony (trad. e ed.) *Edda*, Londres: Everyman, 1998.
WELLER, Shane. (trad.) *Beowulf*, Nova York: Dover, 1992.
WHITELOCK, Dorothy. (trad. e org.) *English Historical Documents*, Londres, 1955.
_____ (trad.) *The Anglo-Saxon Chronicles*, London, 1961.
WRIGHT, David. (trad.) *Beowulf*, Londres: Penguin, 1957.

BIBLIOGRAFIA

- BJORK, Robert E. & NILES, John D. *A Beowulf Handbook*, Lincoln: University of Nebraska Press, 1998.

- BORGES, Jorge Luis. *Literaturas germánicas medievales*, Madrid: Alianza Editorial, 2005.
- BUHL, Trine. “Premises of Literary History: On Genre and Narrative Modes in the Sagas”, revista *Brathair* vol. 4 (2), 2004, p. 4-16. (<http://www.brathair.com>).
- CARVER, Martin. *Sutton Hoo: burial ground of kings?*, Londres: British Museum Press, 1998.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. “O paganismo anglo-saxão: uma síntese crítica”, revista *Brathair*, vol. 4 (1), 2004: 19-35. <http://www.brathair.com>
- CHANEY, William A. *The Cult of Kingship in Anglo-Saxon England*, Manchester: Manchester University Press, 1999.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*, São Paulo: Edusp, 1996.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*, São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FLETCHER, Richard. *The Barbarian Conversion*, California: Henry Holt, 1999.
- HALL, J. R. Clark. *A concise Anglo-Saxon dictionary*, Cambridge: University of Toronto Press, 1960.
- JONES, Gwyn. *Kings, beasts and heroes*, Londres: Oxford University Press, 1972.
- LE GOFF, Jacques. *Dicionário temático do ocidente medieval*, São Paulo: Edusc, 2002.
- LOYN, Henry. *Dicionário da Idade Média*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MAYR-HARTING, Henry. *The coming of Christianity to Anglo-Saxon England*, Avon: Penn State Press, 1994.
- NICHOLSON, Lewis E. (org.) *An Anthology of Beowulf Criticism*, Indiana: University of Notre Dame Press, 1966.
- POLLINGTON, Stephen. *Wordcraft: Concise New English to Old English dictionary and thesaurus*. Norfolk: Anglo-Saxon Books, 1993.
- RUSSOM, Geoffrey R. “A Germanic concept of nobility in the *Gifts of Men* and *Beowulf*”. *Speculum*, 53/1, 1978, p. 1-15.
- STENTON, Sir Frank. *Anglo-Saxon England*, Oxford: Oxford University Press, 1989.
- TOLKIEN, J. R. R. (trad. e ed.) *Finn and Hengest: The fragment and the episode*, Londres: Harper & Collins, 1982.
- _____ *The monsters and the critics*, Londres: Harper & Collins, 1997.

NOTAS

¹ Todas as citações das fontes anglo-saxônicas foram retiradas de Robert E. Diamond, *Old English: Grammar and Reader*, Detroit: Wayne State University Press, 1999; com exceção de *Beowulf* que foi retirado de Howell D. Chickering Jr, *Beowulf*, Nova York: Anchor Books, 1989. As traduções para o português são de minha autoria.

² *A Batalha de Maldon*: poema aliterativo anglo-saxão, narra a batalha ocorrida no ano de 991 na região de Maldon (sudeste da Inglaterra). Nesta batalha, Earl (conde) Byrthnoth e seus homens lutaram contra invasores vikings, e acabaram sendo derrotados. Segundo o poema, Byrthnoth caiu em batalha e seus guerreiros, por lealdade, não o abandonaram, lutando até o fim contra os invasores.

³ *Beowulf*, vv. 20-25, 183-187, 287-289, 455, 572-573, 1002-1008, 1060-1062, 1246-1250, 1384-1389, 1534-1536, 1838-1839, 1925-1962, 2026-2031, 2166-2169, 2291-2293, 2444-2449, 2600-2601, 2706-2709, 2764-2766, 2858-2859, 2890-2891, 3063-3065, 3174-3177.

⁴ O primeiro relato a este respeito se dá em 449, ao falar sobre os dois irmãos Hengest e Horsa, os quais lutaram contra o rei Vortigern e um deles (Hengest) acabaria fundando o reino de Kent. No relato deste ano é dito que Hengest e Horsa eram filhos de Wihtgils, que por sua vez era “filho de Witta, filho de Wecta, filho de Woden. E de Woden é descendente toda nossa família real, e também aquela dos Southumbrianos”. A referência a Woden claramente indica uma provável origem divina da família, uma

vez que Woden é o Odin dos escandinavos ou Wotan dos germânicos, o pai-todo-poderoso (*Allfather*) do panteão nórdico. Desta forma viria uma origem divina e mítica dos reis, que é comum em várias outras culturas; como o relato de Heródoto a respeito da linhagem do rei Leônidas de Esparta que teria sua ascendência ligada a figura de Hércules (Hércules), um dos maiores heróis do mundo greco-latino. Mas melhor exemplo desta origem divina pode ser vista com os reis de Wessex. Em 597 as Crônicas nos diz sobre Ceolwulf, que teria iniciado seu reinado em Wessex, e que seria “filho de Cutha, filho de Cynric, filho de Cerdic, filho de Elesa, filho de Esla, filho de Gewis, filho de Wig, filho de Freawine, filho de Freothogar, filho de Brand, filho de Bældæg, filho de Woden”. Após este relato haverão outros que citam suas linhagens, porém é só por volta de 855-858 (devido a imprecisão de algumas versões das Crônicas) que surge a primeira linhagem que combina sua origem divina com uma tradição cristã, e mais uma vez isso se dá com a casa de Wessex: “(...) *Cenred, filho de Ceowold, filho de Cutha, filho de Cuthwine, filho de Ceawlin, filho de Cynric, filho de Creoda, filho de Cerdic. Cerdic era filho de Elesa, filho de Esla, filho de Gewis, filho de Wig, filho de Freawine, filho de Freothogar, filho de Brand, filho de Bældæg, filho de Woden, filho de Frealaf, filho de Finn, filho de Godwulf, filho de Geat, filho de Tætwa, filho de Beaw, filho de Sceldwa, filho de Heremod, filho de Itermon, filho de Hathra, filho de Hwala, filho de Bedwig, filho de Scaef, i.e. filho de Noé. Ele nasceu na arca de Noé. Lamech, Methuselah, Enoch, Jared, Mahalaleel, Cainan, Enos, Seth, Adão o primeiro homem e nosso pai, i.e. Cristo. (Amén.)*” (Whitelock, 1961)

⁵ *Heliand* também foi escrito em versos aliterativos, assim como *Beowulf*, ou seja, ao estilo dos poemas heróicos, aristocráticos.

⁶ Esta mesma expressão pode ser encontrada no Velho Testamento em Isaías: “*Kadosh, kadosh, kadosh Adonai Tseva’ot*” [Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos] (Is 6,3). É possível termos em *Beowulf* uma forte influência bíblica (talvez maior do que se imagina), haja visto as passagens sobre a Criação (vv. 86-98) e a linhagem de Caim (vv. 99-114), e a predileção dos anglo-saxões pelas passagens do Velho Testamento.

⁷ Podemos ver isso nas adaptações feitas ao mundo germânicos feitas em *Heliand*, onde é nítida esta relação de poder divino e religioso por todo o poema.

⁸ *Andreas*, vv. 624-625, 919, 1495-1497, 1577-1579; *Guthlac*, vv. 156-158, 184, 1109; *Judith*, vv. 145-146, 333-334; *Juliana*, vv. 431-432; 547-551; *Elene*, vv. 934-935; *Genesis*, vv. 1151-1152; *Exodus*, vv. 12-14; *Daniel*, v. 666.

⁹ Jó 9, 4; 12, 12-13.16; 36, 22.26; 37, 23-24; Sl 89, 11-12; Pr 8,14; 16, 32; 21, 22; 24, 5-6; Dn 2, 20.23

¹⁰ No sétimo livro da *História*, intitulado como *Polímínia*, próximo ao seu fim, Heródoto descreve a localização de um desfiladeiro de nome *Termópilas*: “*Então o rei Xerxes estava acampado em Malis, na Traquinia, e os helenos no desfiladeiro; esse lugar é chamado “Termopilas” pela maioria dos helenos, mas para os habitantes da região e seus vizinhos e seu nome é Pilai.*”. Neste local é que iria se desenrolar uma das batalhas mais conhecidas da Antiguidade (Herodoto, 1988). O relato segue nos informando a respeito do número de homens posicionados na região e sua procedência. Mas já no parágrafo 203 encontramos um sinal do estilo característico da narrativa, ao se referir à figura de Xerxes: “*203. (...) eles nada tinham a temer, pois a Hélade não estava sendo atacada por um deus, e sim por um homem; nunca houve e jamais haverá um mortal a quem desde a hora de seu nascimento não acontecessem desventuras, e quanto maiores os homens, maiores as desventuras (...)*”. Esta passagem se encaixaria perfeitamente nas obras de Homero ou na *Eneida* de Virgílio. Em obras poéticas épicas ou heróicas, é característica a presença de máximas desse gênero que trazem reflexões sobre o mundo e a condição humana. Heródoto continua sua narrativa até que finalmente chegamos à personagem principal do episódio das Termópilas: “*204. Todos os contingentes de tropas tinham à sua frente comandantes separados para cada povo, mas o mais importante, o comandante-em-chefe de todo o exército, era o lacedemônio Leônidas filho de Anaxandrides filho de Lêon filho de Euricratides filho de Anáxandros filho de Euricratides filho de Polídoros filho de Alcámenes filho de Têteclo filho de Arquêlaos filho de Hegesílaos filho de Doriscos filho de Leobotes filho de Equêstratos filho de Ágis filho de Euristenes filho de Aristôdemos filho de Aristômacos filho de Cleôdaios filho de Hilos filho de Hércules (...)*”.

A forma como Leônidas é introduzido na narrativa é típica de narrativas de outras culturas, ao mostrar sua origem tendo como início uma figura mítica. Um exemplo disso pode ser encontrado na *Crônica Anglo-Saxônica*, como vimos em nota anterior.

A resistência de Leônidas aos persas estava carregada de valores a serem seguidos pelos guerreiros que viessem depois dele. Mesmo frente ao destino inexorável, eles se mantiveram firmes em sua decisão de permanecer e lutar; e só foram derrotados devido a traição de Ephialtes. São diversos valores que se contrapõem: um rei bravo e honrado que escolhe a morte a entregar seu povo ao invasor; guerreiros valorosos que não abandonam seu senhor na batalha. Um exemplo sobre esta questão da lealdade para com o líder ocorre em *Beowulf*. Ao final do poema, quando o herói Beowulf morre logo após derrotar um dragão que ataca o reino, o jovem Wiglaf, o único a auxiliar seu senhor no confronto, se volta para os demais que se acovardaram: “*Muitos poucos defensores/ posicionados em torno do rei quando sua pior hora chegou./ Agora todos os tesouros, dados e recebidos,/ todas as alegrias do lar, posses, conforto/ deverão acabar para os seus; privados de seus direitos/, cada homem de suas famílias deverá ser exilado/ uma vez que nobres de longe ouviram de sua fuga,/um feito de nenhuma honra. A morte é melhor/ para qualquer guerreiro do que uma vida de vergonha!*” (*Beowulf*, vv. 2882-2891). O mesmo espírito está presente na *História*, de Heródoto.

Em sua narrativa, Heródoto traz a personagem de Leônidas justamente como o rei-guerreiro de uma linhagem nobre (descendente de Hércules) e possuidor de valores de respeito e admiração. Podemos comparar a imagem de Leônidas e de seus guerreiros em Termópilas com a de Beowulf, do poema homônimo, e do poema *a Batalha de Maldon*. Em *Maldon*, assim como em Heródoto, os saxões sabiam de sua derrota certa e mesmo assim prosseguiram na batalha.

¹¹ No sínodo de Cloveshoe (747) foi necessário decretar a proibição dos clérigos recitarem os textos sagrados na igreja, utilizando a mesma entonação dos poetas seculares. Verificou-se também certo desgaste do documento original de *Beowulf*, e acredita-se que seja devido ao constante manuseio no mosteiro onde o poema teria sido guardado e supostamente lido. Além disso, Alcuíno de York, em uma de suas cartas faz referência ao quanto os monges de Lindisfarne apreciavam fábulas e histórias (Fletcher, 1999: 182-185).